

MADALENA FREIRE

O CONSTRUTIVISMO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Educadora pernambucana, autora de *A PAIXÃO DE CONHECER O MUNDO*. Esteve em Natal, em julho de 1992, quando concedeu entrevista a Maria Estela Costa Holanda Campelo e Márcia Maria Gurgel Ribeiro, ambas do Conselho Editorial da Revista *EDUCAÇÃO EM QUESTÃO*.

- EQ** - Quais as influências teórico-metodológicas mais significativas na sua prática pedagógica?
- MF** - As influências teórico-metodológicas mais significativas ... bom, para começar foi meu pai mesmo, Paulo Freire. Depois veio Piaget; a Psicanálise: Lacan, Freud e outros mais. Pichon-Rivière e muita coisa do grupo. Bleger com as questões dos grupos operativos, Vygotsky, Wallon. Na antropologia, Margaret Mead e na política, Gramsci.
- EQ** - Nós sabemos que você é considerada uma das pioneiras na introdução do construtivismo no Brasil. Nesse sentido, gostaríamos de saber quais as dificuldades com que você se deparou naquele momento e como as superou?

MF - Não sei se fui uma das pioneiras ... mas ... enfim ... o que posso dizer enquanto desafio foi, num primeiro movimento: viver o processo solitário; solitário no sentido da troca de experiência com o outro, do partilhar. Então, este foi marcado pelas dificuldades de um movimento solitário, da criação, da estruturação do trabalho. Um outro movimento foi o de começar a socializar essa prática da forma mais clara, simples, direta, envolvendo o sujeito afetivo, cognitivo e o social, que nela está implícito, sem o pedagógus, de modo que abrangesse, que pudesse ser entendido por um número maior de pessoas.

Um terceiro movimento que eu começo a enfrentar, agora, é socializar com as pessoas que a questão não é ser escravo ou seguidor de uma teoria, ou seja, ser construtivista, ser montessoriana, ser vygotskiana, piagetiana etc. A questão é você recriar esses teóricos. Como você constrói sua prática inspirada nessas teorias, porque se não a gente fica numa dimensão muito pequenininha, de escolinha ... E a realidade é muito maior que isto.

EQ - O que vamos colocar agora não se encontra no roteiro da entrevista; mas, o que você acabou de colocar passa muito pelo que se discute nos Cursos de Mestrado. O problema do ecletismo versus opção por um referencial teórico. O referencial teórico tem que ser coerente, tem que ter validade interna e externa. Quando começa a misturar as coisas, surge o temor com relação a essa questão. Afinal de contas, um autor considera um aspecto e não considera outro. Quer dizer, passa por aí a angústia do ecletismo. O que seria esse ecletismo? E na prática pedagógica, como é que isso se dá?

MF - Deixe eu pensar o que você está colocando, o que é que eu penso, o que me cutuca. Como é que você pode recriar os

autores sem fazer uma salada, é isto? Como é que você pode recriá-los com uma coerência científica, com um rigor científico, não é? Eu tenho a impressão que é o que eu não tenho feito. É procurar entender, situar e localizar histórica e socialmente a teoria desses autores. Quais foram os desafios históricos enfrentados por Piaget no seu tempo? E quais foram os de Vygotsky etc. etc. E quais são os desafios de hoje, nessa realidade? O que permanece, o fio e a viga mestra desses dois que eu possa construir uma coerência, que eu possa ter uma espinha dorsal teórica. No caso concretamente de Vygotsky e Piaget, eu tenho a impressão que Piaget não nega a questão de interação. Ele simplesmente não dava - porque era suíço, porque não era russo, porque não estava vivendo a revolução russa - a importância à interação e à linguagem como Vygotsky deu.

EQ - Uma outra questão é que nós notamos muita preocupação das pessoas com uma escola democrática, com uma proposta pedagógica democrática. Gostaríamos de saber de você, na sua experiência, o que você evidencia como fundamental para uma escola que tenciona articular uma proposta pedagógica democrática?

MF - A escola tem que ser reinventada criando-se espaços de escuta e de reflexão do professor sobre a sua prática e a teoria que a fundamenta, mesmo que ele não saiba disto. Para responder a essa questão, considero fundamental enumerar três fases: primeiro, uma preocupação pela construção e acompanhamento do grupo, do grupo da escola. Não basta amontoar pessoas. Não basta agrupá-las. Há todo um processo que tem de ser acompanhado, composto de movimentos, em que cabe uma ação educativa de intervenção e de encaminhamento por parte de um educador.

A primeira questão é esta. Portanto, precisa de um educador para acompanhar, para se responsabilizar pelo acompanhamento do grupo, pela sua construção. Deve-se considerar que professor e professor (do mesmo nível) não constroem conhecimento. Para construir conhecimento, é necessária a presença do educador que sabe mais, o que não significa saber tudo ou saber a verdade. Não basta juntar professor com professor e deixá-los abandonados. Deve haver coordenação, orientação. É importante que eles se juntem, mas o educador deve estar presente.

Além disso, é preciso lembrar que educador não troca com educando. O educador interage com o educando, para possibilitar a socialização do que cada educando sabe; para encaminhar e organizar a explosão do que não conhece, para ele poder ensinar. Ensinar, aqui, com esses ingredientes: da intervenção, do encaminhamento e da devolução. Segundo, o educador desta instituição, a nível individual ou a nível de subgrupo, ou seja, três no máximo, necessitam ser acompanhados na reflexão de sua prática, na troca do saber, desse refletir do que praticou, para poder alicerçar a fundamentação teórica sobre essa prática.

Terceiro, que a relação dessa escola com a comunidade seja aberta. Aberta para receber, para ouvir, para trocar, não no sentido espontaneísta daquela troca que deixa os pais reunidos, para que eles decidam o que deve ser feito na escola. Não é essa abertura da comunidade, mas que a escola esteja aberta para pensar juntamente com a comunidade: qual a escola adequada, qual a necessidade dessa comunidade, o que a escola pode oferecer como instrumentalização. Vejo, basicamente, a questão do grupo, a questão do acompanhamento do educador e a questão da comunidade. É claro que toda essa postura, todos esses

ingredientes da construção desse educador, confronta com as diferenças e divergências que compõem esses movimentos.

EQ - Que equívocos você tem constatado nas práticas pedagógicas ditas construtivistas?

MF - Olha, eu poderia me ater à questão que eu tenho trabalhado mais de perto atualmente: o acompanhamento do processo de formação do educador. Equívoco e incoerência, no sentido de que há uma preocupação de educadores que defendem uma prática, por exemplo, da alfabetização de crianças, com base ou inspiração construtivista; mas a nível da formação do educador, passa por cima deste, à medida que não acompanha, não lê qual é a hipótese da psicogênese na reflexão, na escrita do educador. Isto é, não resgata o processo de alfabetização deste educador. O processo de alfabetização no sentido de reaprender a ler, a escrever. Ou seja, o que é estudar nesta concepção? O que é escrever? Refiro-me àqueles três níveis de que eu falava anteriormente: do falante, do escritor e do autor. O processo de formação do educador vive três movimentos básicos, juntamente com os três movimentos do processo de aprendizagem (reprodução do modelo, reapresentação e recriação do modelo).

Os três movimentos básicos a que me refiro são: primeiro, *do falante*, onde o sujeito é um sujeito falante, ou seja, ele diz: "tá tudo na minha cabeça; vou falando e vou lembrando". E onde, quando se acompanha trabalhos com as classes populares ou com professores de grandes redes (em São Paulo eu estou me deparando muito com isso), onde dentro do processo de formação, resgatam-se o pensamento e a reflexão deste sujeito, num primeiro nível, não é pela escrita, longe dele; é na fala. O desafio é tornar-se um sujeito

falante. Isso não é à-toa; isso é um baita desafio! Tornar-se um sujeito falante, no sentido de expor, ousar, se arriscar, romper com a anestesia autoritária da omissão, da comodidade, do silêncio, da passividade. A maior conquista do professor, nesse nível, é a descoberta de que sabe falar pensamento.

O segundo nível é o do *sujeito escritor*. Não é o escritor de escrever livros, não. É o escritor de poder comunicar-se escrevendo. Ou seja, perceber, descobrir, constatar que o escrever é um canal de comunicação. Nisso, nós estamos trabalhando a ferida do processo de alfabetização do adulto professor, onde - alienado do seu coração pedagógico - ele pensa e imagina que só pratica e não faz teoria e não tem teoria. Neste nível, ele começa a perceber que pode conquistar e comunicar por outro canal - a escrita.

Num terceiro nível, ele torna-se *autor*, onde, além de comunicar pensamento, articula, organiza o discurso do seu pensamento original, na constatação da teoria que tece a sua prática e vice-versa. Portanto, é aqui que ele conquista e é aqui o pique máximo do resgate desse processo de alfabetização. É aqui que ele conquista o verdadeiro sentido do que é escrever, do que é produzir linguagem escrita.

EQ - Temos muita preocupação com o sistema público de educação. Aqui mesmo, em Natal, existem algumas escolas que trabalham na perspectiva construtivista da alfabetização, com muita vontade de acertar. Que dificuldade você tem constatado na condução desse trabalho neste sistema de ensino?

MF - Eu tenho a impressão que a primeira coisa a considerar é a estrutura da escola. O primeiro grande entrave é que o

professor não tem um acompanhamento de um educador, ele é abandonado. Quando ele o tem, este é um acompanhamento impositivo. Não acompanha, dá ordens ao nível do planejamento etc. Não há um espaço de reflexão, ou seja, todo mundo fala em construtivismo, mas não se dá conta de que o construtivismo nessa estrutura escolar é incompatível. Se a gente não mudar a estrutura não vai ter construtivismo. Ou seja, se não mudar a estrutura para construir conhecimento, não tem construtivismo, vai ter é desvio e mal-entendidos. A primeira grande batalha para se recriar o construtivismo, inspirar-se no construtivismo, é começar a reinventar a estrutura da própria escola.

EQ - Achamos que seria bom falar um pouco mais sobre o que é esta reinvenção da estrutura. O que tememos é que se diga que nada se pode e que se caia no imobilismo ou se espere mudar a estrutura para começar a trabalhar.

MF - Para iniciar, podemos citar dois exemplos: em São Paulo e em Porto Alegre já está sendo feito, no sentido de que já está estruturado um acompanhamento por um coordenador de subgrupos ou de grupos, com um número significativo de pessoas, tendo como objeto de trabalho a reflexão sobre a prática do professor. Essa reflexão já está bem adiantada. E a prática já começou a ser mexida. O que não está sendo mexida, ainda, é a ação da supervisão. Está sendo cutucada agora em São Paulo, eu acho. Obviamente que não vai dar tempo porque o ano acaba agora; mas, pelo menos, já foi contaminada de alguma forma. Dentro dessa estrutura, com esse acompanhamento da coordenação, a sistematização do registro cotidiano desse educador já começou. Eu acho que o que é de urgência é que os professores criem, coloquem, exijam ou reivindiquem um educador que os acompanhe no processo de reflexão. Eu sei que o coordenador,

na maioria dos casos, não está formado para esse acompanhamento e que, muito pelo contrário, vai até atrapalhar. Mas, tem que começar a atrapalhar para poder mudar.

EQ - Quer dizer, a questão da reinvenção da estrutura passa por uma revisão do papel do pedagogo, do orientador e do supervisor na Escola?

MF - Lógico, a reestruturação da escola, esse repensar, implica na mudança de concepção do que é aprender, do que é ensinar e do que é ser um educador. O educador constrói conhecimento a partir do que o outro sabe. Cada um, no processo, percebe de um jeito, porque está partindo do seu saber. Na concepção autoritária, nós fomos educados para ditar que todos tivessem a mesma atuação e a mesma resposta. Mas o pensamento é livre. Cada um constrói o seu: não se controla pensamento. Ninguém tem controle do que o outro vai fazer dessa fala, desse entendimento. O que me basta é ser inspiradora para que o outro faça o que lhe der na telha. Não me interessa ser modelo e parâmetro para ser copiado; eu quero ser recriado. Ter a lucidez de saber quem pode seduzir e, quem não foi seduzido, respeitar e ... até logo! Eu penso o seguinte: o educador é um artista, no seguinte sentido: um bom bailarino, quando entra no palco, ele sabe, ele tem a consciência de que a platéia pode ter cinco, duas mil, cento e cinqüenta, três, duzentas pessoas; mas que aquele pode ser o último espetáculo seu e, por isso, ele *deve* fazer o *máximo* de beleza de sua arte para o convencimento da opção pelo belo de educar e de fazer educação.

EQ - Esse profissional necessitaria de uma formação acadêmica ao nível do curso de Pedagogia ou qualquer professor poderia ser um coordenador? Esta questão para nós procede,

uma vez que há um equívoco colocado. Para algumas agências empregadoras e formadoras, particularmente o Estado e a Universidade, o orientador e o supervisor não estão fazendo nada na escola; por isso, vamos acabar com as habilitações e deixar só o professor?

MF - Eu acho que isso não vai resolver nada. O grande embate é pensar essa atuação numa concepção democrática de Escola. O professor necessita de um coordenador que o acompanhe, assim como esse coordenador vai necessitar de um espaço com outro educador. É importante saber que o motor do processo de formação do educador é a sua *reflexão* que só é possível se ele registra sua prática, sua teoria. A reflexão, quando é executada no seu cotidiano, tem três movimentos: o primeiro movimento *reproduz* o pensamento do teórico, do modelo, onde o sujeito não se coloca. É um movimento de cópia reprodutiva; no segundo movimento, onde ele vai construindo e se apropriando da sua teoria, mas, ainda, muito colado ao modelo. Aqui ele vai *reapresentar* as idéias, os conceitos do autor, com suas próprias palavras e, somente no terceiro movimento, ele *recria* conceitos e se apropria da sua teoria.

EQ - Diante das precárias condições de trabalho encontradas atualmente nas escolas públicas, como motivar o professor para que as crianças vivam com ele a “paixão de conhecer o mundo”? Isso é possível com o professor da escola pública?

MF - Olha, chama, fogo, desejo, todo mundo tem. A desgraça é que em uns está quase apagando, em outros está num incêndio mal educado, em outros anestesiados. Mas todo mundo tem. Está ali, na sombra. Então, pergunta-se: como é que eu vou acordar aquele fulano? Como é que eu vou

acender as chamas? O desafio está na gente também, dentro da gente também, no sentido de que, quando nossa chama não está apropriada, temos pouca chama para os outros. Então, o primeiro desafio é: o educador educar o educando. É pensar, refletir, qual o nível de apropriação desse meu desejo pedagógico. Às vezes, eu gosto muito que fique claro quando estou falando da psicanálise ou da psicologia. Eu me inspiro nelas, mas o que eu estou falando é do desejo pedagógico. Como é que eu vou fazer para seduzir o outro. O desafio é me apropriar desse meu desejo, percebê-lo; porque se eu não tenho isto muito seguro, eu não vou conseguir enxergá-lo com clareza. Outro desafio é aonde que, ouvindo o outro e vendo o outro, poderemos interagir. Para apreender um desejo, fazer acordar alguém da anestesia, é preciso ter uma relação, interação. O desafio é - nesta interação, nesta observação, nesta relação - que aspectos eu vou priorizar para perseguir, ver a luz, a chama, o interesse ou a vontade? Porque tudo isto existe. O que é que eu consigo ler por trás do que eu vejo que é importante, que é significativo para integrar? Em São Paulo, nos grupos de formação, já vivenciamos muito esta questão nos debates. E, muitas vezes, em muitos grupos, era mais do que uma questão; era mais fantasmas dos educadores. Aquela argumentação de sempre: mas não dá ... porque não vai acordar ... porque imagina ... porque há acomodação ... porque há resistência ... Então, quando começamos a sistematizar os encontros de escuta em relação à prática, começamos a perceber as contradições. Que este país é muito autoritário.

Espaço de escuta, espaço de fala, espaço de troca são pouquíssimos. Então, a questão não é que o outro não tenha uma vontade de agir, mudar. A possibilidade de espaços para que o outro exponha suas idéias e propósitos não são

facilmente perceptíveis. Mas, é possível criá-los. É possível
você começar a despertar a “paixão de conhecer o mundo”,
desde que num trabalho sistematizado, com constância,
com acompanhamento, com planejamento e avaliação.